

Carrossel de emoções

21 DEZ 1993

Tarcísio Holanda

Estará faltando à verdade quem afirmar que sabe qual o desfecho do trabalho de investigação da CPI que apura irregularidades na elaboração do Orçamento da União. Nem o próprio relator, o sisudo deputado pernambucano Roberto Magalhães, saberá com nitidez distinguir os limites que o orientarão quanto ao relatório conclusivo a ser submetido a seus companheiros de colegiado.

A algumas pessoas de sua confiança, o veterano senador Jarbas Passarinho confessou-se arrependido por ter aceitado a indicação para presidir a CPI. Essa indicação, que se materializou quando o PMDB sentiu-se preferencialmente atingido pelas denúncias de José Carlos Alves dos Santos, foi, na verdade, uma solução de compromisso do Congresso com a sobrevivência da corporação política.

Em sua confissão, Passarinho dizia que viveu duas experiências históricas marcantes — primeiro, como revolucionário, sob o império do aterrorizante AI-5; depois como parlamentar comprometido com a defesa dos valores democráticos. Segundo Passarinho, sob o AI-5, havia muito mais cuidado e responsabilidade. Quando se investigava alguém, era constante a preocupação em evitar a leviandade, de forma que a própria investigação poderia ser repetida.

Hoje, joga-se a honra de alguém na rua com a facilidade com que se troca de sapato. Assim mesmo, nenhuma pessoa sensata condenará a CPI. Todos se preocupam em que a investigação vá bem fundo, de maneira a encontrar toda a verdade, ainda que ela esteja submersa no mais denso lamaçal. A opinião pública está aí, vigilante, cobrando o

compromisso da CPI em desvendar toda essa trama.

A CPI traumatizou a Nação inteira, paralisando as instituições do Estado, principalmente o Congresso. Vive-se um clima surrealista. Um dos mais dedicados membros da comissão, senador José Paulo Bisol, sofreu duras injustiças em matéria publicada por revista de grande circulação nacional. Em programa de tevê, Bisol estranhou que a publicação da matéria restritiva tenha coincidido com a circulação de um encarte especial da revista financiado por ninguém menos que a Odebrecht.

O senador Pedro Simon chegou a ficar preocupado com a sorte de seu conterrâneo, diante da ameaça de poderosos núcleos conservadores contra Bisol. "Se não fosse o Passarinho, eles teriam trucidado o Bisol", desabafou Simon. Ainda que possa estar exagerando, posto que Bisol tem mandato e vigor para resistir ao assédio, esse desabafado dá uma medida das pressões que se desencadearam sobre o coordenador da comissão fiscal e patrimonial da CPI.

O escândalo da CPI já serviu para pronunciamento militar ameaçador. Muitos parecem esquecidos da manchete do insuspeito **O Globo** denunciando superfaturamento na compra de fardas, fato que veio a ser comprovado por inspeção realizada pelo Tribunal de Contas da União. Irregularidades podem existir, tanto no meio civil quanto no militar. Afinal, os homens são constituídos do mesmo barro, vistam farda ou roupa civil.

O que se lamenta é que o Brasil continue mergulhado em um pântano de dificuldades, uma sequência de fortes emoções, como se todos viajássemos num carrossel em louca e vertiginosa disparada. Até quando viveremos esses sobressaltos?

CORREIO BRAZILIENSE